
MODOS DE VIDA LGBT NO CARIRI CEARENSE: OS CAMINHOS TRILHADOS DA PESQUISA

MODES OF LGBT LIFE IN THE CARIRI CEARENSE: THE TRAILED ROADS OF SEARCH

LEITE JUNIOR¹, Francisco Francinete; SILVA, Amanda Antero Batista da
SILVA, Isaura Caroline Abrantes.
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

Recebido: 20/12/2017; Aceito: 03/01/2018; Publicado: 22/03/2018

RESUMO

Tal pesquisa apresenta-se como uma tentativa de ampliação das perspectivas sobre o ser humano, no rastro de compreender a complexidade das experiências de sujeitos que borram as fronteiras dos gêneros. Objetiva-se compreender a produção de performatividades de gênero e as experimentações da sexualidade no Cariri Cearense. Baseando-se numa Perspectiva discursivo-desconstrucionista, recorre-se também aos estudos pós-estruturalistas de base foucaultiana, presente nos debates pós-modernos, além da relação com as teorizações queer; utilizando-se para produção de dados forte inclinação cartográfica. Sendo este estudo advindo do projeto de Iniciação Científica intitulado Corpo, Gênero e Sexualidade: cartografando modos de vida LGBT no Cariri Cearense desenvolvido junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica – PIBICT do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Diante disso, aponta-se para os resultados iniciais, tendo-se relatos personificados em discursos em posicionamentos diante da vida. Tais pessoas, a partir de seus territórios, posições ou performances transcritas pelos (trans)movimentos revelam um mundo construído a partir do prazer e do desejo da transformação de um corpo que transita. Portanto, tais modos de vida possibilitam perceber as movimentações, estilos e novas possibilidades.

Palavras-chave: Corpo, Gênero, Sexualidade, Modos de Vida, LGBT.

ABSTRACT

Such research presents itself as an attempt to broaden the perspectives on the human being, in order to understand the complexity of the experiences of subjects that erase the boundaries of the genres. The objective is to understand the production of gender performativity and the experiments of sexuality in Cariri Cearense. Relying on a discursive-deconstructionist perspective, we also resort to Foucaultian-based post-structuralist studies, present in postmodern debates, as well as to Queer theorizations; using for strong data-tilting cartographic data. Being this study coming from the project of Scientific Initiation entitled Body, Gender and Sexuality: mapping LGBT lifestyles in Cariri Cearense developed next to the Institutional Program of Scientific and Technological Initiation Scholarships - PIBICT of the University Center Dr. Leão Sampaio. In view of this, it is pointed out to the initial results, having been personified reports in speeches in positions before the life. Such people, from their territories, positions or performances transcribed by (trans) movements reveal a world built from the pleasure and desire of the transformation of a transiting body. Therefore, these ways of life make it possible to perceive the movements, styles and new possibilities.

Keywords: Body, Gender, Sexuality, Livelihoods, LGBT.

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor), Professor orientador do PIBICT no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, (francinetejunior@leaosampaio.edu.br).

INTRODUÇÃO

Tal pesquisa apresenta-se como uma tentativa de ampliação das perspectivas sobre o ser humano, no rastro de compreender e acolher a complexidade das experiências de sujeitos que borram as fronteiras dos gêneros e nos levam a pensar sobre nós mesmos, nossas próprias identidades e a posição que ocupamos frente ao diferente que turva, invade e se instaura na sociedade.

Dessa forma, salienta-se que o patriarcalismo e a heteronormatividade são características ideológicas que permeiam enfaticamente as relações socioculturais cotidianas, e estão diretamente implicadas sobre a invisibilização, o repúdio e a marginalização destes grupos. Assim, sendo este um campo de discussão teórico e prático é propício para implicar sobre a visibilidade e reconhecimento dos direitos aos diversos modos de existência. Principalmente devido aos altos índices de crimes cometidos contra sujeitos que borram as fronteiras de gênero, ou seja, travestis e transexuais, como também gays, lésbicas, bissexuais.

Desse modo, este estudo, advindo do projeto Corpo, Gênero e Sexualidade: cartografando modos de vida LGBT no cariri cearense desenvolvido junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica – PIBICT do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio tem como objetivo compreender a produção de performatividades de gênero e as experimentações da sexualidade nos Modos de Vida LGBT no Cariri Cearense, lugar marcado pela diversidade, movimentos sociais feministas, mas também pela crescente violência.

Enquanto relevância ressalta-se a responsabilidade da ciência psicológica em discutir, problematizar os diferentes modos de ser e existir no mundo, buscando proporcionar a essas pessoas um espaço de compreensão e de engajamento participativo, bem como sobre o compromisso ético e político para com pessoa em situação de vulnerabilidade social e sofrimento psíquico.

Além disso, enfatiza-se que como cidadãos, lutemos coletivamente em prol da garantia de direitos, e de modos de resistência manifestos através da escrita científica e do debruçar-se sobre essa problemática, denotando representatividade a fala desses indivíduos e mostrando a importância de se atentar a esse tema. Assim, fortalecendo o sentimento de coletividade das minorias políticas, que por vezes, são desqualificadas do lugar de humanidade e vinculadas as categorias de anormalidade, legitimando os recorrentes alvos de agressões.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Embasando-se em perspectivas discursivo-desconstrucionistas, tal estudo nos proporciona uma abordagem mais humanizada sobre os sujeitos da pesquisa. Por compreender-se que os discursos constituem e atravessam os sujeitos, estando eminentemente ligados à sua práxis cotidiana, possibilitando um exercício de desconstrução, levando-nos a um movimento de dobradura, e implicação sobre si mesmo.

O pesquisador, longe de se vincular a uma posição de neutralidade e de detentor do saber sobre o tema em estudo, propõe-se a construção de conhecimento a partir de um movimento dialógico, constituído pela relação com os sujeitos da pesquisa. Subvertendo a lógica positivista, proporcionando um

repensar da normatização e naturalização dos discursos hegemônicos e cristalizados, tão presentes em nossos discursos. Em vista disso, recorre-se também aos estudos pós-estruturalistas fincados sobre as bases epistemológicas foucaultianas, presentes nos debates pós-modernos, além da relação com as teorizações *queer*.

No que tange a cartografia, se apresenta como contribuinte para a ideia de movimento, permitindo acompanhar trajetórias, formando um mapa em movimento, terreno ativo e dinâmico, permeado por desejo, percebido enquanto fluxos que transbordam e que se desenvolvem pelos caminhos do território e durante a caminhada. Conforme Rolnik (1989) o cartógrafo é um verdadeiro antropófago, vivendo de expropriar-se e se apropriar, devorar e desovar, numa constante desconstrução sobre os fenômenos.

Destarte, tem-se claramente que o cartógrafo se afeiçoa e se orienta pela capacidade de afetar e ser afetado. Permitindo-se ser atingido pelo pela pesquisa, desconstruindo a ilusão de imparcialidade. Afetar aqui é pensado em consonância com o pensamento de Fonseca, Nascimento e Maraschin (2012), que trazem como sendo quando algo aciona um ponto fraco na gente. Afetar, portanto, denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é pequeno diante do que temos a conhecer, de frente para a vastidão do outro, quando é pensando sobre a complexidade daquele que se mostra. Destarte, perpetuando um modo diferente do comum para configurar a construção das pesquisas, priorizando a dialogicidade entre os envolvidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pós-modernidade é um período histórico que assume a tendência de romper com modelos clássicos ou modernos, levando-se em consideração os vastos modos de ser. Ressalta-se que o conceito de pós-modernidade se encontra em disputa, visto que a ideia de movimento, fluidez e plasticidade se encontram presente em tais discussões. Peters (2000) apresenta ter sido muito confundido os termos pós-estruturalismo, discutindo o tipo de relação que cada um deles têm com seu respectivo objeto teórico e histórico.

Fazendo-nos perceber que o pós-estruturalismo tem uma ênfase mais teórica e conceitual, já o pós-modernismo traz um contexto mais filosófico e histórico. Assim, percebemos que tais elementos coexistem e trazem reverberações e polissemias, produzindo descontinuidades e modos de existir que se contrapõem aos paradigmas positivistas, abrindo espaço para pensar e enfatizar a Diferença.

Diante disso, identidade e diferença requerem espaço para uma melhor compreensão, possibilitando um exercício de desconstrucionista de permeação e envolvimento com o outro, com o que surge, entendida não como destruição, mas como a possibilidade de uma retomada e abertura para novos questionamentos.

Portanto, Silva (2007) apresenta-nos que a diferença e a identidade como constituintes do sujeito e produzidas socialmente. Assim afirma ser a identidade aquilo que simplesmente se é na mesma linha de raciocínio a diferença é entendida como entidade independente, ou seja, aquilo que o outro é. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. Cabe também ressaltar que se faz necessário pensar a identidade como pontos de apego provisório e não como instâncias imutáveis, mas passíveis de transformação e redirecionamento.

Partindo desse contexto, tem-se a possibilidade de pensar a sexualidade, a partir de Michel Foucault (1993), como um dispositivo, afirmando que a sexualidade é historicamente construída e está submetida a múltiplos discursos sobre a manifestação e regulação da mesma. Discursos esses que permeiam as relações e que regulam, normatizam, instauram prazeres e produzem “verdades”, estando presentes sobre a religiosidade, a família, as leis e as normas.

A definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência dos meios de “vigia” e “coerção” social, como sendo um conjunto heterogêneo que envolve discursos, instituições, organizações, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, ou seja, o dito e o não dito, o que está incumbido nas tramas sutis da vida (FOUCAULT, 1993). Cabe ressaltar que os dispositivos agem sobre os sujeitos constituindo e produzindo marcas (discursivas) sobre os corpos, a biopolítica legítima o que é passível de ser reconhecido como saber-poder, atingindo os corpos e ditando comportamentos e ações.

O corpo aqui é tomado por algo que busca uma inteligibilidade na tentativa de nomeá-lo. Goellner (2012) nos possibilita pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura, apresentando tal feito como um desafio e uma necessidade. Desafio porque acaba por romper com o olhar naturalista sob o qual o corpo foi observado, explicado, classificado e tratado, ao desnaturalizá-lo revela que o corpo é construído historicamente. No entanto, tal corpo para Foucault (2009) está submetido à disciplina através de um processo de docilização, que traz em si o controle das atividades e a composição das forças sob a égide do bom adestramento, iniciando-se em período escolar, exercendo sobre esse sujeito uma vigilância constante e hierárquica com forte conotação normalizadora, havendo tentativas de moldá-lo de acordo com o discurso vigente.

Em meio a tal discussão, Tosta e Daltio (2012), apontam que os corpos são legítimos de existirem e devem estabelecer uma coerência atrelando o corpo sexuado com as práticas esperadas. Pensava-se que corpos dotados de pênis se referenciavam ao masculino, gerando o sujeito “homem” que deveria interessar-se sexual e afetivamente por “mulheres”, assim como, corpos dotados de vagina se referenciavam ao feminino, gerando o sujeito “mulher” que deveria interessar-se sexual e afetivamente por “homens”, explicitando-se uma continuidade arbitrária, conceituação denominada de heteronormatividade.

Porém, percebe-se que não existe um imperativo biológico unívoco, uma relação causal única, interligando os órgãos determinados a certas práticas, sentimentos e afetos direcionados de forma heteronormativa ao sexo oposto.

No entanto, Butler (1999) chama a atenção para a necessidade de legitimizar existências que o ideal normativo direciona ao status de abjetas. Levando-nos a pensar: Que corpos importam? Que vidas são passíveis de luto? Os corpos considerados abjetos pela norma estão destituídos de sua humanidade, e por isso, são relegados à invisibilidade. Assim, Butler (1999) enfatiza que o abeto não se restringe ao sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade por subverter um caráter normalizador, é entendida como “não importante”, onde a morte destas pessoas é facilmente desconsiderada.

Com a ideia de performatividade, Butler (1999) apresenta os indivíduos excluídos pela norma ao mesmo patamar dos gêneros dominantes, ou seja, o ideal normativo tem caráter ilusório e não pode ser determinante na classificação de identidades sexuais enquanto normais ou patológicas. O corpo não acata completamente as normas que impõem sua materialização de acordo com o que é instaurado. Nesse sentido, o corpo resiste tanto às intenções do sujeito quanto às imposições sociais.

Tais influências são decorrentes da cultura, sendo percebido no movimento de generificar o corpo. Em meio a este contexto, podemos tomar as discussões de Lauretis (1994) que defende a ideia de que os discursos (institucionais, artísticos (como cinema e literatura), entre outros), em sua totalidade, contribuem para perpetuar as diferenças estereotipadas impostas para diferenciar masculino e feminino. Suscita-nos a pensar alguns pontos, tais como: afirmar ser o Gênero é uma representação” e se concretiza no comportamento das pessoas; traz “A representação do gênero é a sua construção” e evolui à medida que a sociedade também evolui; destaca que a construção do gênero é ininterrupta. E, por fim, afirma que a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução.

Retomando Haraway (1994), temos a figura do *cyborg*, este visto como um organismo cibernético híbrido; máquina e organismo, uma ligação da realidade social com a ficção. Fazendo-nos pensar o quão hibridizado estamos com as questões da tecnologia e o avanço das ciências. Coloca-se a figura do *cyborg* como uma criatura num mundo pós-gênero, evidenciando o trânsito incansável, um ser que se constitui ao borrar e confundir as fronteiras, antes então vistas como fixas, impermeáveis e bem demarcadas.

A denominação gênero também está envolvida a uma ferramenta social, ao ato político, de acordo com Louro (2008), a contraposição ao biologicamente demarcado, ao sexo, definido enquanto macho ou fêmea, pênis ou vagina, para fundar uma identidade outra, capaz de expressar de forma sociocultural a transgressão.

Para além do quesito gênero, Louro (2008) apresenta-nos o termo *Queer* que apesar de não haver traduções exatas, leva-nos a entendimentos sobre seu sentido. *Queer* que funcionou como insulto, xingamento para sujeitos não heterossexuais: gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros, travestis e entre outros, abrangendo todos os indivíduos que não se direcionam ao heteronormativo, foi assumida por esses mesmos sujeitos para identificá-los como bizarros, estranhos e esquisitos.

Mas, fundamentalmente para representar “a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada”. Ou seja, perturbar, transgredir, desestabilizar. Bento (2008) contribui acrescentando que o *queer* fala da margem e permanece nela, apresenta a diferença que se nega a ser domesticada pelo centro por processos de assimilação que se efetiva através da patologização. Sabe-se que com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o desenvolvimento de tal pesquisa

realizaram-se inicialmente encontros entre o orientador e demais pesquisadores para a discussão teórica acerca das problemáticas que tangem os três conceitos estruturantes: corpo-gênero-sexualidade, possibilitando problematização e inquietações referentes a este tema. Nesse sentido, também problematizando tais conceitos para fortalecer a formulação de um pensamento mais amplo sobre a diversidade.

Em seguida, optou-se por uma busca de material teórico para aproximação de conceitos relevantes com o intuito de fortalecer discussões. Fez-se uma busca em bases de dados digitais, periódicos, a partir de “terminologias identitárias” (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) produzindo uma revisão sistemática ampla. Em seguida, buscou-se dar vida a pesquisa buscando sujeitos em campo, definiu-se assim o lócus da pesquisa nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, englobando o cariri cearense.

A princípio, buscando-se espaços de socialização que nos permitam contato direto com os interlocutores, além de perceber a dinâmica de tais espaços. Sendo espaços possíveis de visualizar, sentir e afetar-se pelas performatividades de gênero e experimentações da sexualidade. Os participantes de pesquisa, aqui denominados de interlocutores e interlocutoras, são compreendidos(as) como contrutore(as) e constituintes essenciais da pesquisa. Sendo escolhidos de forma aleatória, utilizando-se da técnica de *snowball*, de forma intencional e por conveniência, em que um entrevistado indicaria outro.

Contatos foram previamente estabelecidos através de redes sociais virtuais e reais, numa tentativa de estabelecer uma rede de contatos para a produção do estudo em questão. Como critérios de inclusão dos interlocutores na pesquisa definiu-se que se intitulam como gays, lésbicas, bissexualidade, travestis e transexuais, ter idade superior a 18 anos; ser residentes de Juazeiro do Norte, Crato ou Barbalha no Estado do Ceará.

A ética nesta pesquisa vai para além do Termo de consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e da submissão ao Comitê de Ética. Por ser uma pesquisa interessada, implica-se como mais uma forma de luta social, a ética perpassa todo o processo de construção, havendo uma implicação dos (as) pesquisadores (as), permitindo uma aproximação maior com o campo, bem como respeitando os aspectos relacionados ao sigilo e a utilização das informações para fins teóricos.

A produção de dados nessa pesquisa deve ser articulada no contexto de fala livre. Não visando objetos fixos, ou seja, não simplesmente coletar informações relativas ao mundo preexistente a partir de uma entrevista semi-estruturada, mas visa estar aberta ao que se apresenta enquanto relevante para os sujeitos, dialeticamente, constituindo uma pesquisa em que o essencial se destina a relação pesquisador-sujeito, abdicando da mera utilização de instrumentos de pesquisa ou de tratar as pessoas envolvidas na pesquisa como figuras alegóricas, apenas para a obtenção de dados que devem ser coletados objetivamente para estudo e análise posterior. A pesquisa é construída conjuntamente ao que é pesquisado.

Em vista disso, Tedesco, Sade e Caliman (2014) nos apresenta a entrevista na cartografia como algo que inclui trocas de informação ou acesso à experiência vivida, porém não apenas isso. A cartografia requer que a escuta e o olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista.

A análise dar-se-á a partir da análise do discurso, que se apresenta como a relação do sujeito através do discurso com a problemática estudada, além de serem extraídas as categorias emergentes nos discursos.

Conforme Fischer (2001), que ao analisar os discursos, na perspectiva de Foucault, evidencia antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um discurso.

Para tanto, os resultados são a produção de uma cartografia dos Modos de Vida LGBT da Região do Cariri, a realização de 30 entrevistas cartográficas. Possibilitando um espaço de produção teórico-prática. Além de articular uma rede de apoio, iniciando-se pela Psicologia e posteriormente abrangendo os campos do Direito e da Assistência Social.

Sabe-se que uma pesquisa está sempre em construção. Esta depara-se com a possibilidade de continuidades, pois frente aos dados coletados e analisados percebe-se os movimentos de resistências e transgressões em um território marcado pela heteronormatividade. Assim aponta-se para novos caminhos e possibilidades de intervenção. Tem-se assim relatos personificados em discursos e posicionamentos diante da vida.

Tais pessoas, a partir de seus territórios, posições ou performances transcritas pelos (trans) movimentos revelam um mundo construído a partir do prazer e do desejo da transformação de um corpo que transita e materializam os gêneros. Portanto, tais modos de vida possibilitam perceber as movimentações, estilos e novas possibilidades.

No que tange as lésbicas entrevistadas, percebe-se assim como em outras minorias políticas, a intolerância ligada a esta orientação sexual, mulheres que são desvalorizadas, mas que não se percebem violentadas.

Além disso, está amplamente interligada lésbicas e bissexuais do sexo feminino a hiperssexualização, pois é como se a atração sexual e afetiva entre duas mulheres servisse de utensílio para a intensificação da pornografia dirigida ao público masculino, sexualizando o corpo dessas pessoas e formando a representação social de seres que são legitimados serem ao desejo de homens. Ainda no que diz respeito aos bissexuais, estes sofrem um duplo preconceito, da heteronormatividade e da homonormatividade. Vinculando-se os estereótipos de indeciso/a, enrustido/a e promíscuo/a à estes indivíduos.

Referindo-se aos homossexuais, foi salientado tanto nas entrevistas como em produções teóricas a interferência das redes sociais para que seja suscitado a atração e formado os encontros. Então, há a configuração de um padrão de beleza destinado a gays que são vistos como atrativos, são aqueles vistos como viris por serem masculinizados e musculosos. Enquanto isso, os tidos como “afeminados” são marginalizados e postos como menos atrativos, movimento que reforça um padrão heteronormativo e dificulta a união dessa classe política.

No contexto da transexualidade percebe-se que o gênero *trans* traz em seus corpos produzidos a partir de um movimento subversivo não passam despercebidos dentre os habituais, configurando-se como um ‘acontecimento’ que impactam os sujeitos.

Temas como o uso do nome social é mencionado com frequência evidenciando um impasse

entre as relações de poder instauradas, uma vez que a utilização de documentos oficiais e a burocratização judicial para a mudança de nome se apresentam como um elemento impeditivo do reconhecimento social.

Também são citadas situações de discriminação no mercado de trabalho que são frequentemente relatadas. Onde atribuem as dificuldades de serem empregadas, a baixa qualificação profissional para os cargos, estas acabam por serem marginalizadas do mercado formal, o que possivelmente repercute para sobreviver de “bicos” ou trabalhos informais, outras também atuando como profissionais do sexo. Nossas interlocutoras enfatizam a situação de empregabilidade para pessoas *trans*, como fortemente influenciadas por padrões sociais heteronormativos,

São relatados pensamentos em torno da conjugalidade e afetividade tornam-se presentes nos discursos, as experiências de relacionamentos aqui trazidos pelas locutoras, ora retomam o ideal romântico de amor entre homem e mulher e ora enunciam contextos de solidão.

Modelos de masculinidade e feminilidade permeiam as experimentações de gênero de pessoas cis e trans, a ideia de família nuclear irrompe-se frente às novas formas de parentalidade e relacionamentos formados através de formas de desejo outras, haja vista a instituição familiar já haver sido mais rigidamente reguladora de sexualidades.

A cirurgia de transgenitalização entre as nossas interlocutoras é um fator importante para o bem-estar das mesmas, ainda vinculada a uma ideia de patologização da transexualidade, fazendo referência à realidade brasileira em torno do processo transexualizador pelo SUS, há uma alta procura pelo serviço nas capitais sendo uma questão de saúde pública.

Nas trilhas da pesquisas em torno da transexualidade, tem-se as transmasculinidade Onde os signos corporais e de comportamento que constituem novas ou tradicionais masculinidades se equivalem em construções de identidades no sentido de significados e papéis, que integram outros marcadores como etnia, classe e orientação sexual.

Nesse sentido, nossos interlocutores tratam em seu discurso da invisibilidade *trans* que se traduz em uma série de vivências afetivas, familiares, institucionais e estruturais, nestes o uso do nome social surge como emergência de autoafirmação pois estes espaços muitas vezes colocam os sujeitos e suas identidades enquanto invisíveis.

As transexperiências em respeito às relações afetivas despontam um fator bastante sensível nos relacionamentos heterossexuais, a de ideais de masculinidade e feminilidade nos relacionamentos que colocam em destaque o de sentir-se seguro em relações estáveis e de ser aceitos tais como são por suas companheiras

Não obstante, o transpassar as barreiras de gênero é fato para as experiências transexuais, estas não se fixam obrigatoriamente em padrões de orientação sexual

No âmbito das travestilidades destacam-se as temáticas de prostituição, direito frente ao nome social, à saúde e a inserção nos meios sociais. Sobre estes pode-se considerar que são encarados sob uma ótica pautada no preconceito dirigido às pessoas trans ao viverem a transitoriedade entre os gêneros masculino-feminino.

Predominam em seus discursos temas em torno

da sexualidade, do acesso as políticas públicas.

Outro tema demarcado no âmbito da saúde é o HIV/AIDS/DSTs, bastante vinculada à prostituição, donde acentua-se uma perspectiva negativa quanto análise de experiências travestis, demonstrando também uma preocupação do atendimento em saúde.

Nas entrevistas foram percebidas a dificuldade no que concerne a expressão do desejo pelo sexo oposto ou por ambos os sexos e a comunicação disso aos familiares. Esse constrangimento está ligado ao preconceito conservador, que pressupõe que as práticas homoafetivas estão ligadas ao ato pecaminoso, pensamento influenciado pela herança ideológica dos dogmas de religiões de matriz cristã, fortemente presente na região cariense. Além do que, é importante ressaltar um fator relacionado à regionalização da pesquisa, que no nordeste brasileiro, as marcas do feminino e do masculino se apresentam ainda mais demarcadas, ao homem é exigido ser “o cabra macho”, sendo limitado o espaço para acolher a fragilidade masculina e a demonstração de afeto, sendo incentivado ao homem a posição de violência e agressão. Isso, vem a dar indícios de possíveis explicações para os elevados níveis de violência contra a mulher nesta região. Enquanto a mulher, é efetivamente responsabilizada pela maternidade e pelos afazeres domésticos.

Outrossim, a representação social do homem está interligada ao ativo, racional, forte e viril. E no que tange a mulher, o seu complementar contrário, a passividade, subalternização, irracionalidade, delicadeza e emotividade. Como ressaltado, o treinamento para incorporar tais estereótipos é feito desde tenra infância com a introjeção de ideias, valores e normas. Contudo, aos desviantes destes enquadramentos, além do sofrimento envolto a falta de reconhecimento do próprio corpo enquanto seu, é dirigida a exclusão social e a violência, desde formas sutis envoltas nos discursos, até as mais brutais formas de violações físicas.

Logo, acentua-se pelos pesquisadores o quão fundamental foi compreender que as trajetórias dessas pessoas são marcadas por lutas e resistências diárias, mostrando-nos que a vida dessas pessoas pulsa e advém da ação e do desejo, além da capacidade de transformação e superação.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, salienta-se que as análises realizadas não são capazes, e não tendem, a abranger a totalidade dessas minorias políticas. E, que os movimentos entre corpo-gênero-sexualidade formam os sujeitos de inúmeras maneiras, perpassando-os e constituídos pessoas incomparáveis. Assim, o objetivado seria principalmente promover um meio de dar visibilidade e representação a estas pessoas, para que continuamente, estas possam ter voz e vez. Tal pesquisa, tem como intuito subsidiar novos pensamentos sobre esta temática, estando em constante (des) construção.

Nesse sentido, também se acentua que apesar de estarem unidos por uma mesma características: desviantes da heteronormatividade, todos os entrevistados, são seres singulares e únicos, que apresentam modos de desejar singulares, e que lutam, apesar de grupos conservadores estarem constantemente se contrapondo a esses modos de expressão no mundo.

A partir da pesquisa realizada, um analisador importante de ser reconhecido se direciona aos

movimentos sociais como fonte de resistência-sofrimento. Uma vez que inseridos nestes movimentos, muitas vezes, são marginalizados, o que nos faz ressaltar a imprescindibilidade da união entre essas minorias políticas, que apesar de serem expostos a diferentes estereótipos e modos de violências, podem se unir em prol da libertação sexual aos grilhões conservadores e a luta pela equidade e por direitos sociais.

os corpos abandonados: Gênero, Educação, Currículo e exclusão dos corpos sem consistência. In: Rodrigues, A.; BARRETO, M. A. C. (Orgs.), **Currículos, gênero e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas** (pp. 217-31). Vitória: Edufes, 2012.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. **O que é a transexualidade**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2008.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In G. L. LOURO (Org.), **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** (pp. 151-161). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, Porto Alegre, n. 114, p. 197-223, 2001.

FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de MACHADO, R., 6ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.), **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 8ª ed., p. 28-40, Petrópolis: Vozes, 2012.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, v.22, p.201-246, 2004.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, H. B. (org.), **O feminismo como crítica cultural**, pp. 206-242. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Julho/dezembro v. 20, n.2, p. 71-99, Porto Alegre: **Educ. e Realid.**, 1995.

SILVA, T. T. (org.), HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2007.

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. H. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: experiência e plano comum**. v. 2, Porto Alegre: Sulina, 2014.

TOSTA, A. L. Z.; DALTIÓ, D. A. O corpo educado e